

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E TURISMO

CARLOS OTÁVIO PEREIRA DOS SANTOS

Natureza Compartilhada: Caminhos do Turismo

São Paulo

2021

CARLOS OTÁVIO PEREIRA DOS SANTOS

Natureza Compartilhada: Caminhos do Turismo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de [Relações Públicas, Publicidade e Turismo](#) da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em [Turismo](#).

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles.

São Paulo

2021

Dedico este trabalho aos meus sonhos e a todos que acreditaram. Muito obrigado pelo apoio, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste trabalho.

O trabalho tem como projeto principal o documentário, *Natureza Compartilhada: Caminhos do Turismo* que pode ser assistido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=I-LTy-Vj5Ec&t=351s>



Resumo:

O projeto “Natureza Compartilhada: Caminhos do Turismo” foi construído através de conhecimentos teóricos sobre a prática da atividade turística e sua relação com a sociedade e a natureza. O texto apresenta teóricos da geografia, filosofia e turismo para propor um caminho mais sustentável para a experiência turística, tendo a educação como ponte entre às partes envolvidas. Entendemos e apresentamos “território” como forma de realização das práticas humanas, das quais as interações interpessoais podem ser ampliadas através do compartilhamento entre turistas, moradores e natureza.

A segunda parte do projeto é composta por um documentário que traz narrativas de pessoas que têm suas vidas impactadas pelo turismo. Essas pessoas que trabalham direta ou indiretamente com essa atividade, reconhecem que no território existem interações pregressas ao turismo e identificam a importância da atividade conectada à manutenção do bioma e, conectada ao humano, independentemente de ser uma atividade que apresenta importante tônus comercial.

O projeto propõe uma dupla abordagem do assunto, em texto e documentário, e se propõe a friccionar teoria e vivência para formular novos caminhos para o desenvolvimento sustentável da atividade turística.

Palavra – Chaves: Turismo, natureza, território, população, cultura, saberes e planejamento

Introdução

O projeto foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Relações, Públicas, Publicidade e Turismo da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Turismo. A proposta do documentário é apresentar como o turismo aproxima os seres humanos e a natureza. A história humana é marcada por sucessivas rupturas e retornos da relação homem e natureza, sendo o turismo mais uma opção de retorno. Pode-se dizer que o turismo é uma abstração, que se torna concreta quando os viajantes entram em contato com os lugares, as paisagens e

territórios. Esse contato específico com o lugar, pode maximizar pontos positivos ou negativos de uma região, mas é presente também a crítica sobre o turismo ser responsável pela degradação do meio ambiente. Atualmente os planejamentos das atividades turísticas se mostram insuficientes em relação à preservação da natureza.

Nos lugares que se tornaram territórios turísticos vivem populações que muito antes da chegada dessa atividade à região já conviviam com a Natureza. Segundo Santos:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertencem. (SANTOS, 2015).

Essas populações que ainda consideram necessário ficar “agarradas” nessa terra, segundo Krenak¹(2019) são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios. São caiçaras, indígenas e quilombolas a sub-humanidade.

O capital, ao transformar os espaços em mercadoria, faz surgir novas atividades econômicas, como o turismo, provocando mudanças socioespaciais, além de reorientar os usos. É preciso pensar na ressignificação e na construção de um desenvolvimento alternativo, fundado em uma nova racionalidade, que não a de lucros financeiros. Natureza Compartilhada: Caminhos do Turismo, apresenta a visão dos turismólogos e pessoas que trabalham em prol de um desenvolvimento que seja participativo e que integre todos à atividade.

Objetivo

Apresentar como a integração de todos os envolvidos na atividade turística pode transformar o turismo em um grande aliado para a preservação da natureza e das

¹ Ailton Krenak nasceu em 1953. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Autor de Ideias para adiar o fim do mundo.

comunidades locais. E assim estabelecer uma aproximação das pessoas que vivem mais distantes do meio natural.

Justificativa

Visto como um grande vilão da degradação do meio ambiente, o turismo, é considerado responsável por acentuar a desigualdade e o desmatamento em regiões consideradas como atrativo turístico. Esse trabalho justifica-se por entender que nesse cenário torna-se necessário o trabalho de profissionais da área para pensar e elaborar planejamentos que estejam ligados aos pilares da sustentabilidade: social, ambiental e econômico. Dessa forma, sendo possível propor uma atividade integrada, consciente e educativa.

Metodologia

A proposta metodológica para esse trabalho está para além do formato tradicional dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Por muito tempo o TCC focou no formato tradicional de escrita, mas a urgência da necessidade do maior alcance desse conhecimento fez surgir propostas de novos formatos de trabalho. Considerando que as formas de conhecer e interpretar o mundo são diversas e possuem em comum o objetivo de organizar informações para explicar ou dar sentido ao mundo e às coisas, optamos pelo formato Documentário para apresentação do projeto junto ao texto em formato tradicional. Inicialmente para realização do projeto foi necessário um estudo básico sobre edição de áudio e vídeo para dar início a estruturação do documentário que foi construído a partir de levantamento bibliográfico e videográfico, consultas em sites, entrevistas com moradores da região e turismólogos. Unindo a teoria com registros e compartilhamentos de vivências espera-se apresentar uma reflexão, sobre caminhos possíveis e melhores para o desenvolvimento da atividade turística de forma amplamente integrada e sustentável.

População, espaço e território.

Existem várias perspectivas de mundo e da relação homem e natureza. Na teoria evolucionista, aquela mais divulgada no mundo, a natureza é anterior ao homem, ou seja, foi quem lhe deu existência. O homem se distingue dos demais seres vivos por sua habilidade teológica de pensar e agir, de mudar e interferir na natureza. Mas ele apenas a complementa e a qualifica, pois “o homem é a natureza que toma consciência de si própria e esta é uma descoberta verdadeiramente revolucionária em uma sociedade que disso se esqueceu ao se colocar o projeto de dominação da natureza” (GONÇALVES, 1989). A marca que a humanidade vem deixando na terra é tão grande que o mundo está entrando em um novo período geológico conhecido como Antropoceno², que coloca o homem como o centro do universo, onde a natureza não tem valor em si, mas constitui-se numa reserva de recursos naturais a serem explorados pelo homem.

Segundo Krenak

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui. (Krenak, 2019).

Essa dominação está relacionada à ideia de consumo imposta pelo capitalismo, que observa no território recursos para sua manutenção, excluindo e tirando toda forma de vida e empregando uma nova dinâmica para o território que antes era utilizada para manutenção da vida. Para Krenak.

Estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver

² Foi o químico vencedor do Prêmio Nobel Paul Crutzen que criou o termo Antropoceno que é uma combinação das raízes das palavras em grego anthropo- que significa "humano" e - ceno que significa "novo."

— pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (Krenak, 2019, p. 23-24).

Durante quase todo o século XIX a noção antropocêntrica era predominante e no contexto geográfico, o progresso era sinônimo de crescimento. Contudo, ainda no século XIX, ocorre uma visão ambiental baseada no preservacionismo (Diegues, 1996).

Em particular da teoria da evolução, de Charles Darwin (1809- 1882). Essa teoria que posicionava o homem de volta na natureza tornar-se fonte importante do ambientalismo e da ética ambiental. (Diegues, 1996). Com o resultado da invasão intensa do território, a preocupação com a proteção ambiental vai adquirindo importância, pois a modificação da natureza era benéfica até o ponto em que não interferisse no ecossistema como um todo. (Diegues, 1996).

Ao longo dos anos existem diversos sentidos e definições para caracterizar a natureza, ela não pode ser entendida de forma separada do ser humano, pois ao se falar em natureza necessariamente está sendo referenciando o ser humano, ainda que historicamente, houve momentos de uma maior ou menor aproximação entre essa relação (DUARTE, 2003). Essas aproximações trouxeram formas diferentes de relação, tanto a natureza como os seres humanos foram reduzidos à condição de objetos, em que os valores são baseados apenas no capital e no lucro.

Primeiro precisamos entender como essas relações entre seres humanos e natureza ocorrem nos espaços e territórios. Para Milton Santos³, o espaço precisa ser considerado como totalidade: conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente.

³ Milton Almeida dos Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, 3 de maio de 1926 – faleceu em São Paulo, 24 de junho de 2001, foi um geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro.

O espaço é resultado e condição dos processos sociais, desse modo, o espaço, além de instância social que tende a reproduzir-se, tem uma estrutura que corresponde à organização feita pelo homem. Assim, o espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução. Segundo Santos.

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. (Santos, 2008).

Para Santos (2012), “a utilização do território pelo povo cria o espaço” apresentando mudanças ao longo da história, o território antecede o espaço. É necessário notar que, se compreendermos o território apenas como área delimitada e estruturada pelas relações de poder do Estado estaríamos excluindo diversas formas de salientar seu uso. Assim, o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem um conjunto muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo.

Para melhor análise sobre o espaço, Santos elege as categorias fundamentais a serem consideradas que são forma, função, estrutura, processo e totalidade, estes constituem a categoria principal e auxilia também na compreensão do território. Segundo Santos (2012), a forma é o aspecto visível, exterior de um conjunto de objetos: as formas espaciais; função é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a estrutura-social-natural é definida historicamente: nela, formas e funções são criadas. O processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando a um resultado que implica tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica. A totalidade e tempo são categorias fundamentais para o estudo do espaço. A totalidade possui caráter global e tecnológico; apresenta-se pelo modo de produção e da história; é inseparável da noção de estrutura. Portanto, a totalidade espacial é estrutural.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado

como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (Santos, 2008).

O território não se mostra como forma definitiva e organizada do espaço, porém, acredita-se que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades feitas a partir da herança cultural do povo que o ocupa. Segundo Santos:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (Santos, 1996).

O território é, portanto um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações formadas também pelas diferentes identidades, uso e apropriação do espaço, dos diferentes agentes. Assim, cada sociedade tem seu próprio espaço e sua própria formação socioespacial (SANTOS, 2005). Todos usam as infraestruturas, que são constituídas pelo espaço físico natural, o meio ecológico; e pelo espaço físico humanizado, o meio construído, os sistemas de engenharia.

O lugar não está restrito, para Milton Santos, à dimensão cultural ou simbólica do espaço, ou seja, não é apenas uma relação social imaterial, nem o lugar é entendido apenas como o espaço vivido. O lugar, assim como o território, é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 1996).

É importante reforçar é que nem todos os povos ocupam posições semelhantes e nem usufruem em proporções aproximadas do processo de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, nem todos os povos provocam os mesmos impactos negativos no que concerne à degradação ambiental.

O padrão de vida e os valores dominantes centrados no “ter” característico da sociedade de consumo, mostram que poucos podem responder por boa parte do consumo dos recursos naturais ao mesmo tempo em que respondem pela maior parte da

degradação ambiental o em processo. Não é apenas a quantidade de seres humanos, que responde pela rápida destruição do planeta, mas também e, principalmente, o seu modo de vida. Segundo Krenak

Eu sempre olhei essas grandes cidades do mundo como um implante sobre o corpo da Terra. Como se, não satisfeitos com a beleza dela, pudéssemos fazê-la diferente do que ela é. A gente deveria é diminuir a investida sobre seu corpo e respeitar sua integridade. Quando os índios falam: “A Terra é nossa mãe”, os outros dizem: “Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita!”. Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colados no corpo da Terra, quando alguém a fura, machuca ou arranha, desorganiza o nosso mundo (Krenak, 2019).

A insustentabilidade da vida urbana e o refugio a natureza.

A relação estabelecida pelo homem e o ambiente como seu habitat tem sofrido alterações ao longo dos anos, no cenário globalizado e tecnológico atual percebe-se que houve um afastamento do homem ao ambiente natural, que culminou na atual crise ambiental. Carvalho (2013) afirma que há uma mórbida e sutil associação entre a crise de sustentabilidade e a crise psíquica da sociedade industrial, houve, em algum momento da nossa evolução, um distanciamento físico e psicológico do homem com a natureza e, como consequências surgiram às psicopatologias e as atitudes destrutivas advindas do novo modo como o homem se relaciona com o ambiente, culminando na atual crise de insustentabilidade.

Segundo Ailton Krenak (2020) temos nos orientado por uma ideia de humanidade, falida, que funciona como um clube exclusivo que deixa de fora uma maioria de sub-humanidade. Os membros da alta casta da humanidade têm se constituído como verdadeiras pragas ao planeta, devorando a terra e suas várias formas de vida, em prol da concentração de riqueza e de uma ideia de progresso como um ponto de chegada. Em um mundo dominado pelo homo economicus (ORDINE, 2016), não é fácil compreender saberes e práticas que não visam o lucro fundado exclusivamente na necessidade de pensar.

Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distantes de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento cultural da humanidade. Nesse sentido, considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores (Ordine, 2016).

A busca pelo crescimento econômico desenfreado e amparado no desenvolvimento tecnológico e em pouca reflexão e consciência sobre suas consequências favoreceu a ideia que o ser humano tem total poder e controle sobre a natureza e que, sendo assim, poderia explorar.

Ailton Krenak faz, na defesa dos seus saberes tradicionais de conexão com a natureza e valorização dos sonhos, como lugares da gratuidade, capazes de amparar relações sociais e cósmicas profundamente afetivas e solidárias. Contudo, no cenário brutal da contemporaneidade utilitarista, desconsideraram por anos os saberes tradicionais, ancestrais e populares, oriundos daqueles que conseguem estabelecer uma comunicação respeitosa com as linguagens da natureza, seus ciclos, elementos e formas. Segundo Krenak:

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho (Krenak, 2020).

O fato é que no modo de vida urbano atual, tanto a natureza, principalmente em razão dos poluentes gerados pelos meios de transporte, quanto à vida humana, que está cada vez mais presa nas redes de produção de riquezas e deslocamento, encontram-se em risco. Assim, Guattari afirma:

O drama urbanístico que se esboça no horizonte deste fim de milênio é apenas um aspecto de uma crise muito mais fundamental que envolve o próprio futuro da espécie humana neste planeta. Sem uma reorientação radical dos meios e sobretudo das finalidades da produção, é o conjunto da biosfera que ficará desequilibrado e que evoluirá para um estado de incompatibilidade total com a vida humana e, aliás, mais geralmente, com toda forma de vida animal e vegetal. Essa reorientação implica, com urgência, uma inflexão da industrialização [...], uma limitação da circulação de automóveis ou a invenção de meios de transporte não poluentes, o fim dos grandes desflorestamentos. (Guattari, 1992)

Percebemos que a natureza e vida social apresentam-se como dois aspectos da existência que são indissociáveis: nossas ações afetam a natureza e a natureza nos afeta. É necessário entender a dimensão afetiva indissociável entre humano e natureza. Torna-se, então, relevante considerar que qualquer ação política ligada ao meio ambiente, seja na esfera governamental ou privada, seja nas práticas microsociais cotidianas, precisa considerar que homem e natureza compõem uma mesma biosfera.

Diante desses problemas de convivência urbana entre os humanos e desses para com a natureza, a vivência nas cidades está cada vez mais insustentável. Intensificando-se toda vez que o espaço urbano, com suas variações afetivas, sociais, econômicas, culturais e ambientais, torna-se um campo de batalha pela definição e apropriação de direitos individuais.

A proposta de um reconexão com a natureza é estabelecer caminhos que possam mudar esse quadro utilitarista imposto por esse sistema acumulativo. Buscar relações do ser humano com a “teia” da vida, que podem ser tecidas pelo contato com a natureza que se dão para além do nível dos comportamentos observáveis, pois incluem a subjetividade, na qual crenças, autopercepções, emoções, motivações e gratificações cumprem parte fundamental do que se expressa em comportamentos ambientalmente funcionais.

O forte processo de urbanização induzido pela revolução industrial que passou a responder pela má qualidade do ar, do congestionamento e da insalubridade nas aglomerações urbana, tornando-as insuportável e irrespirável. A contemplação da natureza selvagem com possibilidade de isolamento espiritual passa a ser, então, uma aspiração da sociedade. (Diegues, 1996). O turismo aparece como um canal de comunicação, que executado de forma ética, estabelece uma educação ambiental propondo mudanças no comportamento utilitarista da sociedade. Essa comunicação pode se estabelecer de várias formas, as trilhas são uma dessas alternativas, que podem proporcionar a cooperação, a integração e a união entre os participantes possibilitando um entrosamento, através de conversas e vivências lúdicas junto à natureza. Embora não de modo exclusivo, as caminhadas por trilhas em ambientes naturais proporcionam aos indivíduos vivências diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano urbano. Essas vivências na natureza podem gerar nas pessoas valores criativos e transformadores, na medida em que estimula a imaginação, os relacionamentos sociais mais espontâneos, o enfrentamento de situações novas e de risco; além da convivência com a natureza, ao invés de um domínio sobre ela. A transformação e a criação são atributos necessários ao desenvolvimento da cultura humana, contribuindo para que haja maior consciência do nosso papel como parte de um sistema ecológico complexo.

Um novo olhar sobre o turismo

O turismo apresenta-se como uma atividade econômica consumidora dos recursos naturais e, como qualquer outra atividade, também causa impactos negativos ao meio ambiente quando não realizado de maneira planejada. O desafio, então é fazer com que a atividade turística maximize seus efeitos positivos sobre o meio natural, tarefa esta que encontra no planejamento sustentável a principal aliada para fazer com que turistas, operadores do trade turístico, o poder público e a comunidade em geral, tenham a sensibilidade e percepção ambiental necessárias para fazer do turismo uma atividade que valorize o meio ambiente.

O turismo usa e apropria-se da natureza ou ambientes naturais e de ambientes produzidos como cidades, vilas e comunidades, gerando impactos que podem ser discutidos como uma questão de insustentabilidade social e ambiental, produzida pela contradição capitalista que esta inserida a atividade. Mas não podemos negar o importante significado espacial, social, ambiental e econômico que o turismo provoca

nas sociedades. Assim, o espaço geográfico é uma categoria fundamental na análise do turismo. Segundo Milton Santos:

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. O espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em decorrência do modo de produção e de seus movimentos sucessivos e contraditórios (Santos, 2012).

Como o turismo depende da natureza e das culturas, não deveria haver antagonismo entre essas realidades. Os mais diversos tipos de problemas socioambientais surgem do modo de produção capitalista com que a atividade é realizada, ao exigir a transformação da natureza em mercadoria levando-a exaustão, criando contradições e choques de interesses. Assim, a matéria prima do turismo sofre danos irreversíveis que podem comprometer o atrativo e o potencial turístico do lugar, pelos usos e abusos incontrolados da ganância, imediatismo e ambição, que fazem de tudo para promover a acumulação do capital.

Com a expansão do turismo veio também à incapacidade e se obter o controle de seus efeitos indesejáveis. O desenvolvimento da atividade depende do núcleo receptor, ao tempo em que também exerce influência nesse núcleo. Para Molina (2005) o planejamento do turismo tem o enfoque econômico voltado para regularização dos investimentos. Para o autor é importante pensar o planejamento integral do turismo, levando em conta as variáveis ideológicas, política, econômicas, social e físico-ambiental. É necessário superar a preocupação com o aspecto econômico, incorporando os aspectos culturais e ambientais. Pois o modelo de uso da natureza e do desenvolvimento do turismo hoje ignora a conservação ambiental, princípios ecológicos, de gestão compartilhada com a sociedade civil, de redução das desigualdades e dos índices de pobreza.

A função do turismo não seria apenas gerar riqueza, mas distribuí-las com ética e em respeito aos valores, identidade do povo e a natureza, na sua construção. Sem esta postura, alimenta-se apenas a falsa ilusão de desenvolvimento, de negação da capacidade inerente ao turismo de contribuir para o desenvolvimento social, a conservação ambiental e o enriquecimento cultural de todos sem exceção.

Um ponto que devemos ressaltar é a troca que existe entre a paisagem utilizada pelos moradores que passa a ser utilizado pelos turistas, isso porque, na atualidade, é imperativa a necessidade de lazer, de fuga dos ambientes tipicamente urbanos, onde as paisagens naturais entendidas por paisagens originais ou capazes de transmitir paz, sensação de vida saudável, já não existem mais nas grandes metrópoles, de onde partem a maioria dos fluxos turísticos. O turismo e meio ambiente, portanto, são conceitos interdisciplinares e transdisciplinares que ajudam a entender a realidade do mundo contemporâneo, pois são abstrações e realidades que emergem de uma construção social e manifestam os limites da racionalidade econômica e mercantilização da natureza. O turismo é inevitavelmente um fenômeno ambiental e humano e, como tal, deve respeitar o princípio da sustentabilidade com integridade, individualidade e justiça social. Segundo Sampaio:

A relação homem e meio ambiente é simbiótica (...) favorece uma internacionalização efetiva do meio ambiente, enquanto recurso natural, espaço e qualidade do habitat para que se transcenda a preocupação por suas repercussões no plano puramente biofísico, como também no processo de intercâmbio entre fatores geobiofísicos e socioculturais. (Sampaio, 2005).

Precisamos entender que nem toda intervenção humana na natureza é negativa, Diegues (1996) refere-se ao mito da natureza intocável, pois ela precisa e pode ser utilizada. O turismo aparece como um canal de transformação e aproximação da sociedade urbana e natureza, mas é preciso ser executado de forma equilibrada, respeitando os ciclos de vida dos recursos naturais. É necessário que os agentes nos destinos turísticos entendam que é importante cuidar em primeiro lugar do espaço vital de seus habitantes e não apenas de espaços turísticos. Este redirecionamento do turismo deve considerar que não basta ampliar o número de serviços, fluxos turísticos, mas, sobretudo, a quantidade de residentes envolvidos com o turismo, o nível de conservação ambiental, o crescimento educacional dos residentes e ampliar a consciência ambiental, ecológica e patrimonial.

A preocupação com os problemas ambientais e turísticos levou Vasconcelos (2005) a orientar que além dessa abordagem crítica, deve-se atentar ainda para a gestão

integrada na natureza, dos geosistemas, das cidades, das unidades de conservação, dos ambientes de uso do homem. Os agentes devem compreender melhor como funcionam os complexos ecossistemas, onde estão interagindo o meio natural e as atividades humanas, para ajudar na tomada de decisões, evitar atenuar os impactos negativos e assim contribuir para a conservação ambiental e para o desenvolvimento das atividades humanas de modo sustentável.

A realização do turismo nos tempos atuais ainda tem como base uma atividade segregada, aquele que impede o turista de conhecer de fato o local que visita. É preciso superar os problemas das territorialidades turísticas antes de resolver as questões de gestão. A função do turismólogo pensante esta voltada a buscar uma perspectiva de desenvolvimento e solução para o lugar que tenha como norte redirecionar a politica estatal para os interesses das economias populares, enquanto alternativa social mais ampla e continuada. Uma forma de turismo que pensa o lugar, a conservação ambiental e ressignificação cultural.

Através do processo da produção, o “espaço” torna o “tempo” concreto. Assim, a noção de trabalho e de instrumento de trabalho são muito importantes na explicação geográfica, tanto ou mais do que no estudo dos modos de produção. O trabalho realizado em cada época supõe um conjunto historicamente de terminado de técnicas. (Santos, 2004).

O turismo e constituído por uma infinidade de serviços que interagem e são apresentados como atrativos para serem usufruídos ou consumidos pelos visitantes. No entanto, é preciso lembrar que consumir o turismo é mais do que consumir uma mercadoria ou um produto, é vivenciar uma experiência e um relacionamento entre visitante e visitado, conhecer culturas e lugares. A qualidade da prestação de serviço turístico, a qualidade da experiência, da vivência turística em um lugar está ligada também á articulação dessa atividade com o destino, com o povo e a cultura desse lugar.

O turismo só pode ser uma alternativa ao desenvolvimento econômico se for trabalhado em conjunto com as demais atividades tradicionais existentes no lugar e levar em conta um planejamento voltado ao homem e natureza e não ao capital, como ensina Coriolano ⁴(2003). Segundo Yázigi:

Política urbana consistente e coerente, na qual tanto o turismo e a cultura como preservação natural sejam indicadores corriqueiros de peso, compatíveis com a ideia de desenvolvimento. Ignorando a inserção desses valores espaciais como variáveis obrigatoriamente conectadas ao resto do planejamento, os planejadores acabam desqualificando o território. (Yázigi, 2002).

O futuro do turismo sustentável nas comunidades e na natureza está ligado à capacidade de os governos, empresários e o trade converterem esta atividade em elemento de equilíbrio que ajude a diminuir os défices estruturais e a dívida social, objetivos que só podem ser alcançadas na medida em que o turismo for integrado em uma economia solidária, diversificada e articulada com as especialidades da região.

Considerações finais

Considerando o turismo uma atividade que possui como uma de suas bases o território, ele deve ser executado com o máximo de cuidado possível, pois o turismo é um dos agentes responsáveis pela aproximação entre humanos e natureza sendo assim uma oportunidade de preservação e educação ambiental e cultural para a sociedade. É possível elaborar novas propostas quando unimos a vivência e a teoria para a construção de um planejamento adequado para o território, pensando nos impactos positivos que a atividade pode ocasionar.

Em tempos de pandemia as aproximações e as questões de locomoção para realização das entrevistas do documentário ficaram restritas dificultando a inserção de mais vozes. Assim, as entrevistas foram realizadas com pessoas com as quais já conviviam e tinham os saberes necessários para apresentar as ideias do projeto. Após o conhecimento teórico sobre a prática da atividade turística fornecido por leituras e pela graduação de turismo, o foco foi transformar esse conhecimento em algo visual e auditivo. Com poucos recursos materiais, foi possível elaborar uma narrativa que pretende sensibilizar pessoas que estão fora do meio acadêmico e que possam através do documentário perceber-se integrante desse grande processo de preservação através do turismo.

Para elaboração de um planejamento que de fato desenvolva um destino foi visto que é necessário uma maior pluralidade nas tomadas de decisões, logo o conhecimento não deve ser diferente, pois ele deve ser passado nas diversas linguagens assim tornando-se mais democrático e acessível.

Referências

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA; Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**.

CORIOLOANO, Luzia Neide Meneses Teixeira. – **O turismo de base local e o desenvolvimento na escala humana**. In: CORIOLOANO, Luzia Neide Meneses Teixeira. (org). – **Turismo e desenvolvimento social sustentável**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

CORIOLOANO, Luzia Neide Meneses Teixeira.- **Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas**. 2004, 294 p. Tese de Doutorado (Núcleo de pós graduação em Geografia) Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2004.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito Moderno da Natureza Intocada**. Hucitec, São Paulo, 1996.

DUARTE, Alisson José Oliveira. **Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung**. Junguiana, São Paulo , v. 35, n. 1, p. 05-19, jun. 2017 . Disponível em: < [Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org) > Acesso em: 26 jun. 2021.

Guattari, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34. 1992.

Guattari, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1997.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Edição do Kindle (2019).

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020b.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MOLINA, Sérgio. **Turismo: metodologia e planejamento**. São Paulo: EDUSC. 2005.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 2000.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação de Turismo Comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: EDUSP, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política das cidades**. São Paulo: EDUSP 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2008.

SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **Gestão Integrada da Zona Costeira**. Fortaleza: Premius, 2005.

YÁZIGI, Eduardo Abdo. – **A importância da paisagem**. In: YÁZIGI, E. (org) – Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

